
América Latina no Jornalismo: análise da narrativa da Folha de S. Paulo sobre a construção de sentido político-ideológico na aproximação entre Cuba e Estados Unidos.¹

Lucas de Freitas SANTOS²
Melissa Rie NAKAMURA³
Sara Pedro da SILVA⁴
Antonio Sebastião da SILVA⁵

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT

RESUMO

Este artigo analisará a cobertura jornalística do conflito entre Cuba e os EUA, durante o período de aproximação entre as nações depois de mais de meio século de disputas ideológicas. O jornal Folha de S. Paulo é o objeto desta pesquisa para analisar o processo de negociação entre os países, que envolve outros agentes sociais criando núcleos de personagens em conflitos constantes. Este trabalho visa permitir o conhecimento sobre o processo comunicativo da imprensa brasileira na formação de pensamento sobre a América Latina, em tempos de disputas pelo poder hegemônico regional. Foram selecionadas sete reportagens de 2015 para compreender quais os meios utilizados pelo jornal na configuração de seus personagens para construção ideológica da narrativa. Como metodologia desta pesquisa a Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013).

PALAVRAS-CHAVE: América Latina; Cuba, Estados Unidos; Folha de S. Paulo; Narrativas.

INTRODUÇÃO

Desde o embargo que os Estados Unidos impuseram a Cuba, na década de 1960, não há contato diplomático entre os países, voltando, simbolicamente, em 2013. Na oportunidade os líderes se cumprimentaram no velório de Nelson Mandela, passo importante para o avanço de novas negociações entre os presidentes em dezembro de

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 15 a 17 de junho de 2018.

² Graduando do curso de comunicação social com habilitação em jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário Araguaia (UFMT/CUA), e-mail: lucas.dfs@uol.com.br.

³ Graduanda do curso de comunicação social com habilitação em jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário Araguaia (UFMT/CUA), e-mail: melissanakamura@outlook.com.br.

⁴ Graduanda do curso de comunicação social com habilitação em jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário Araguaia (UFMT/CUA), e-mail: sara.p.silva@outlook.com.

⁵ (Orientador) doutorado pela Universidade de Brasília (UnB), professor do curso de jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e-mail: antoniosilva@gmail.com.

2014, quando iniciaram a oficialização da retomada de relações. Como resultado, presos políticos começam a ser libertados pelas nações. Além disso, Cuba retira das prisões mais de 53 pessoas em janeiro de 2015, reafirmando a negociação em curso para a aproximação.

A negociação entre Cuba e Estados Unidos foi noticiada em diversos veículos de comunicação do país e do mundo, com cobertura feita pelo jornal Folha de São Paulo, objeto das análises deste artigo, que, segundo a Associação Nacional de Jornais, de 2002 a 2015 se manteve entre os três jornais pagos que mais circularam no Brasil⁶. Dito isto, o jornal torna-se importante nesta pesquisa em função de sua vasta audiência e influência política.

As análises visam entender quais as estratégias do jornal Folha de S. Paulo perante a narrativa política-ideológica para a formação de conhecimento sobre o capitalismo e o comunismo, envolvendo os EUA e Cuba, durante o período de abertura econômica do país latino-americano. Para isso, será utilizado o método de análise crítica da narrativa desenvolvido por Luiz Gonzaga Motta (2013), para observar as estratégias jornalísticas da mídia brasileira para a formação da opinião pública sobre os conflitos políticos regionais. Com atenção às narrativas, a busca será por estudar a composição dos personagens no desenvolvimento ao longo da trama, como veremos mais adiante, de modo a estabelecer a ordem de verdade e poder, na negociação de sentido com o leitor do jornal brasileiro.

QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

A comunicação existe desde o início da humanidade, e segundo Thompson (1998), antes a comunicação não dependia de aparelhos técnicos, ela era inteiramente presencial, ou seja, face a face, já na modernidade a mídia mudou, pois surgiram novas maneiras de interação. A comunicação mediada, que parte de dois fluxos dialogais que necessitam de meios técnicos para que aconteça. Além desta, a interação quase mediada, que apesar de também usar meios técnicos, é monológica. A mídia, portanto, exerce poder simbólico no processo de comunicação, o qual, de acordo com Thompson (1998), se soma ou mesmo supera outros poderes como políticos, econômicos e coercitivos.

⁶ Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>. Acesso em: 5 maio. 2018.

Ao construir e transmitir suas narrativas, a mídia dissemina padrões de comportamento e pensamento, na dependência das mediações interativas pois, “o comportamento humano é um comportamento orientado por símbolos, depende de conhecimentos que não provem em linha direta da realidade, mas, ao contrário, são fruto da mediação desta realidade por uma estrutura simbólica coletiva” (RÜDIGER, 1995, p. 41). Mediação esta que, segundo Roger Silverstone, “implica o movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outro” (SILVERSTONE, 2002, p.33).

O artigo busca compreender as construções os efeitos que as narrativas da Folha de S. Paulo geram em seus leitores, considerando as posições ideológicas do jornal brasileiro. A rigor, estudamos as narrativas “para compreender como instituímos representativamente o mundo e nele performativamente atuamos” (MOTTA, 2013, p. 29), e, para tanto, usaremos a metodologia da análise crítica da narrativa, desenvolvida por Luiz Gonzaga Motta. Por compreender que “estudar as narrativas como representações sociais pode ensinar muito sobre as maneiras através das quais os homens constroem essas representações do mundo material e social” (MOTTA, 2013, p. 30).

Para usar o método de análise de Motta, selecionamos sete matérias da versão impressa do Jornal Folha de S. Paulo, em razão de sua influência política entre o leitor brasileiro. O período das narrativas de aproximação entre Cuba e os Estados Unidos é de janeiro a julho de 2015, quando se efetiva o processo de negociações entre os países. Cuba, em meio aos conflitos ideológicos, se mostrava interessada em negociar uma saída para sua condição econômica em crise e pressão política interna e externamente.

Dito isto, fica esclarecido o recorte delimitado para uma maior eficácia na análise, que observará estes desdobramentos e conflitos como pontos fundamentais para o entendimento da construção da narrativa do jornal paulista. Além disso, vale ressaltar, que para fins didáticos, as tramas com características incomuns serão unificadas em episódios, respeitando a temporalidade em que os fatos foram expostos pelo jornal.

UM BREVE HISTÓRICO DAS NARRATIVAS

Em 1898, durante o último confronto pela independência de Cuba, na chamada Guerra Necessária, um navio norte-americano ancorado em Havana explodiu, os espanhóis foram responsabilizados pelo ato, sendo este o estopim para os EUA intervirem. Com isso, "consegue-se a árdua independência cubana, com uma condição: o

controle político de Cuba pelos norte-americanos e, em 1º de janeiro de 1899, estes entram militarmente na ilha para assumir a direção do país. Esse controle foi dado via 'tratado da Paz' ou 'tratado de Paris' (por ter sido assinado em Paris), no qual os espanhóis e os norte-americanos assinaram um acordo, sem a presença cubana, passando o poder político da ilha para os Estados Unidos (para guiar o país rumo à formação da república). Em 1901, a Assembleia Constituinte de Cuba aprova a Emenda Platt, garantindo a intervenção territorial dos Estados Unidos em Cuba para a defesa dos cidadãos e interesses norte-americanos" (BARSOTTI; FERRARI, 1998, apud DURÃES; MATA, 2009). Essas relações duraram até o fim do governo de Fulgêncio Batista, na década de 1950.

Foi após a Revolução Cubana, liderada por Fidel Castro, que a situação política entre os países complicou. A revolução destituiu Batista do poder em 1959, expropriou terras e nacionalizou empresas de investidores americanos. Como resultado, os EUA impõem embargo econômico, comercial e financeiro aos cubanos em 1960. Os comunistas promovem campanhas de alfabetização e saúde, além de se aproximar da União Soviética, enfatizando o caráter anticapitalista do governo e marxista do país latino-americano.

Em resposta ao regime de Castro, os EUA organizaram a fracassada invasão da Baía dos Porcos na ilha em 1961. Após a derrota, a relação de Cuba com os Estados Unidos se desintegrou por completo, culminando na Crise dos Mísseis, que foi a implantação de armas soviéticas em solo cubano, apontadas para o território estadunidense. Isto causou a expulsão de Cuba da Organização de Estados Americanos (OEA) e no agravamento do embargo, tornando-o lei. Desde então, segundo Mesa-Lago (apud DURÃES; MATA, 2009) Cuba se torna dependente da União Soviética até o esfacelamento do regime comunista, em 1989. A situação do embargo permanece a mesma até o período analisado neste artigo.

CONFLITOS NAS CONTRADIÇÕES IDEOLÓGICAS

Os conflitos entre os líderes cubanos e americanos vêm se perpetuando ao longo dos anos, porém em dezembro de 2013 “o primeiro gesto de aproximação entre os dois países ocorreu no velório do líder negro e ex-presidente sul-africano Nelson Mandela” (27/01/2015, p. A11). Neste sentido, conforme narrado pela Folha de S. Paulo, “Fidel Castro defende diálogo com os EUA” (Idem), a evidenciar o interesse político do regime comunista de abertura econômica e negociação com antípoda norte-americano.

Após um ano do velório de Mandela, em 17 de dezembro de 2014, como conta o narrador, ao mesmo tempo que realiza a composição de seus personagens na trama, Barack Obama e Raul Castro libertam alguns prisioneiros, três agentes cubanos e dois americanos, seguindo acordo estabelecido entre os líderes. A aproximação dos países será negociada ao longo dos próximos meses sinaliza na sua estória a Folha de S. Paulo.

O jornal paulista mantém o poder de voz do ainda principal líder político da ilha comunista, governada pelo irmão Raúl Castro - em razão de doença que abateu o revolucionário cubano -, ao fazer referência a carta enviada à Federação de Estudantes Universitários de Cuba. Como descreve o narrador, Fidel Castro diz que “defenderemos sempre a cooperação e a amizade com todos os povos do mundo e, entre eles, os nossos adversários políticos” (Idem). O narrador descreve que a negociação caminha para ser amigável e pacífica, implicitamente já demonstrando as dificuldades que há entre os dois países com regimes antagônicos.

O jornal paulista conta que “a carta de Fidel é divulgada na véspera da cúpula da Celac” (Idem), cuja reunião da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos, que ocorre anualmente, não conta com a presença de líderes norte-americanos, pois foi criada por Hugo Chávez como uma alternativa política a interferência na região da Organização dos Estados Americanos (OEA), que banuiu Cuba de seu quadro de representação em 1962. Apesar de que a medida tenha sido votada e anulada em 2009, Cuba se recusou a retornar à organização em razão dos conflitos com os EUA. Neste sentido, como diz o narrador na voz do personagem Christopher Sabatini, da Universidade de Columbia (EUA), se “os EUA começaram sua própria discussão para normalizar as relações, a principal função da Celac deixa de existir” (Idem), prevalecendo, assim, o domínio dos Estado Unidos e seus parceiros na região.

O jornal Folha de S. Paulo no intuito de compor sua estória vai definindo o papel de seus personagens na narrativa. O ex-líder cubano, que se mostra na estória favorável ao acordo de abertura econômica com o rival americano, ganha destaque neste momento da tessitura da trama, cujo resultado deverá levar aproximação histórica entre o país capitalista e Cuba comunista.

Em narrativa publicada no final do mês de janeiro, no papel de protagonista da estória, o narrador descreve que “Raúl Castro pede fim do embargo para normalizar relações com EUA” (29/01/2015, p. A14), e que faz exigências, como descreve a Folha de S. Paulo, mantendo, contudo, a condição de “ditador” ao comunista. Pois, “na Celac,

ditador cubano enumera série de demandas, incluindo devolução de Guantánamo” (Idem).

No primeiro pronunciamento internacional na 3ª Cúpula da Celac, sobre a aproximação dos países, “o ditador cubano, Raúl Castro, enumerou na quarta (28) várias demandas para que a relação dos dois países seja normalizada” (Idem). As demandas são: “o embargo norte-americano”, a retirada de “Cuba da lista de países patrocinadores do terrorismo” e a devolução do “território ocupado ilegalmente pela base de Guantánamo”. Na voz do líder cubano, o narrador diz que “o estabelecimento das relações diplomáticas é o início de um processo de normalização, mas esta não será possível enquanto existir o bloqueio” (Idem), tornando um impasse a ser vencido pelos personagens na trama. Sobre a aprovação do fim do embargo, Raúl sugere ao presidente norte-americano que “use suas ‘capacidades executivas’ para suaviza-lo” (Idem), pedindo a intervenção de Obama no Congresso dos Estados Unidos, que faz oposição sobre a abertura econômica com o governo cubano.

A narrativa relata que apesar de Washington suavizar algumas regras relacionadas ao acesso americano na ilha, “Raúl descreveu as medidas como ‘limitadas’ e afirmou que não cederá na defesa de sua soberania” (Idem), revelando que ainda permanece desconfiança de ambos os lados. A Folha de S. Paulo conta que o governo não aceitará que os EUA “se relacionem com a comunidade cubana como se, em Cuba, não houvesse um governo soberano” (Idem). Ao final, o narrador conta que a aproximação entre Cuba e os EUA foi “um dos principais temas da Celac” (Idem), de modo a apontar para mudanças futuras no regime comunista.

Nesta análise, o jornal brasileiro tem posição ambígua sobre a configuração do personagem comunista, que de alguma forma define seu lugar na visão de mundo em questão. Se Raúl Castro é legitimado como aquele que aponta Cuba para o desenvolvimento mediante abertura comercial, como protagonista da narrativa, ao mesmo tempo, mantém sua posição no cenário político de ditador cubano, estabelecendo dois pontos importantes, quais sejam, na condição de líder que conduz a ilha ao comunismo, que se diferencia da visão de mundo, quanto ao sistema que lidera, o qual se revela antagonista. O contrário ocorre com o líder norte-americano, o presidente Barack Obama, desvelando para o leitor que substancialmente a democracia está do lado das lógicas e fundamentos capitalistas.

Dando seguimento estória, a Folha de S. Paulo destaca o encontro dos líderes políticos na manchete, "em reunião histórica, Obama e Raúl marcam mudança entre EUA e Cuba" (12/04/2015, p. A16). Isso porque, o "encontro na Cúpula das Américas é o primeiro entre líderes dos países em mais de meio século" (Idem). O país latino-americano se mostra determinado, assim, como o vizinho americano, a encontrar aproximação, com mudanças substanciais na região, como efeito.

A reunião, que durou quase uma hora, ocorreu na Cidade do Panamá, tendo como objetivo dar impulso às relações diplomáticas iniciadas em dezembro. Porém, mesmo com a negociação de aproximação das nações, Cuba não foi retirada da lista de países terroristas e, também, não foi declarado o fim do embargo político na ilha, conta o jornal paulista.

O narrador fazendo referência às afirmações do presidente dos Estados Unidos, diz que a negociação se organiza "numa posição que permite enveredar num caminho em direção ao futuro e deixar para trás as circunstâncias do passado que fizeram com que fosse tão difícil o diálogo entre os dois países" (Idem). Neste ponto, o narrador deixa ver o pano de fundo da estória, pois, a rigor: "a essência da minha política é fazer o que eu puder para me certificar de que os cubanos possam prosperar e viver em liberdade e segurança", conta o personagem da Folha de S. Paulo, Barack Obama.

Após o discurso do líder norte-americano na tessitura da trama jornalística, o narrador descreve que o líder cubano, por sua vez, apresenta discordâncias e concordâncias sobre pontos do acordo das negociações diplomáticas dos dois países. Se os Estados Unidos são favoráveis a uma tomada de posição para a abertura econômica e social, o líder cubano reage, exigindo abertura das embaixadas, uma de suas prioridades.

Ora protagonista e ora antagonista, o líder comunista segue na composição dos personagens do jornal, em conformidade com suas posições ideológicas. Sobre a relação dos dois personagens, os conflitos parecem pouco evidente. Como conta o narrador, "apesar da longa divagação histórica sobre pontos conflituosos da relação com os EUA, Raúl disse que Obama era um homem 'honesto'" (Idem). Logo na sequência, o personagem insiste na retórica com personagem do narrador: "dez presidentes dos EUA têm dívidas com Cuba, mas não o presidente Obama" (Idem). Porém, o líder comunista, na reunião da cúpula das Américas, se exaltava, ficando vermelho e batendo na mesa para ressaltar seu discurso, que remetia a história e a ideologia de Cuba.

Na narrativa do jornal paulista, Obama, que discursou antes do cubano, “pediu um diálogo mais pragmático, menos baseado em ideologias e disputas históricas”, mais uma vez reforçando seu protagonismo em relação a fala do comunista latino-americano, o qual, na sequência discursou contrariando o pedido de Obama.

Nas três notícias selecionadas foram destacados os diálogos e encontros dos líderes políticos, apontando para os primeiros passos da aproximação dos países. É possível notar na narrativa da Folha de S. Paulo, o protagonismo do país capitalista norte-americano, representado por Barack Obama, numa comparação ao país comunista latino-americano, representado por Raúl e Fidel.

Neste instante da narrativa, o narrador desvela condescendência com a figura do personagem Fidel Castro que se mostra disposto a validar as atitudes de seu irmão nas negociações com o presidente Obama, em conformidade com os interesses norte-americanos, de implantar o *american way life*. Em jogo, o futuro do comunismo cubano, em conformidade com suas mudanças de posicionamento político em direção ao capitalismo.

Na manchete do dia 29/01, a Folha de S. Paulo reforça que Raúl Castro tem recaídas sucessivas. No final de janeiro diz "que não cederá na defesa de sua soberania" (29/01/2015, p. A14). Na contramão das disputas entre capitalismo e comunismo, as relações dos líderes nunca foram tão amistosas. Como evidência, como protagonista da trama, legitimado pelo jornal, o próprio Castro, em seus discursos, na 3ª Cúpula da Celac, elogia o líder norte-americano.

No episódio, diferentemente da composição dos personagens, o jornal brasileiro tem como ponto de referência lados opostos, o comunismo de Cuba se revela antagonista, até este momento da estória, diante do protagonismo imperialista dos capitalistas norte-americanos, que ao longo das narrativas vão sendo legitimados pelas vozes selecionadas dos próprios líderes cubanos, de modo a evidenciar a convicção da mudança política. Para tanto, a narrativa negocia o sentido da visão de mundo das narrativas com o leitor, ao tratar questões importantes como desenvolvimento, qualidade de vida, atraso ou pobreza comunista, fazendo, assim, acreditar na positividade que o capitalismo deverá trazer para os cubanos. De outro modo, o narrador faz o enquadramento da narrativa de modo a revelar a condição política e econômica da ilha, levando seus líderes a busca de soluções ao se aproximarem dos Estados Unidos, a luz no fim do túnel comunista. Neste contexto,

não há um aprofundamento sobre a realidade vivida pelo país protagonista que convive com sucessivas crises econômicas.

LATINO-AMERICANO NA LISTA DO TERRORISMO GLOBAL

Um dos temas de conflito parece estar próximo do fim, como descreve o narrador, os "EUA decidem tirar Cuba de 'lista do terror'" (15/04/2015, p. A9), como consequência a negociação entre os dois países caminha para um final feliz, pois este seria "o principal impedimento para a retomada das relações diplomáticas entre os dois países" (Idem). O anúncio na estória da Folha de S. Paulo, feito pelo presidente Barack Obama, ocorreu após a reunião entre o líder cubano e o norte-americano em 11 de abril na importante Cúpula das Américas, no Panamá.

Na semana anterior, o presidente estadunidense recebeu o relatório final "de um levantamento do Departamento do Estado americano segundo o qual Cuba atende aos critérios para a retirada" (Idem) da referida lista, de modo a manter a negociação de aproximação política e econômica com o comunismo da família Castro.

A política dos Estados Unidos, liderada por Barack Obama, segue no papel de protagonista da narrativa do diário paulista, neste contexto, formando um núcleo de personagens com voz legitimadas na definição da ideologia capitalista. Desta vez, o Secretário de Estado, John Kerry, como adjuvante do protagonista, conta que "as circunstâncias mudaram desde 1982, quando Cuba foi listada devido a seus esforços para promover revoluções armadas na América Latina" (Idem). Sinalizando mudanças no regime dos Castros, na condução da política da ilha. Também ganha espaço nesta configuração do jornal, o porta-voz da Casa Branca, que, segundo ele, "o presidente continuará 'apoioando interesses e valores [do país cubano] por meio de engajamento com governo e povo cubanos'" (Idem).

Apesar do jornal afirmar a decisão do presidente Obama de retirar Cuba da lista do terror a resolução ainda precisa ser aprovada pelo congresso, diz o narrador. Os congressistas norte-americanos, na sua maioria, se mostram, na trama do jornal paulista, contra a decisão do líder americano. O narrador conta, na voz da deputada republicana Ileana Ros-Lehtinen, que a medida tomada é "um aborto da Justiça, nascido de motivações políticas sem raízes na realidade" (Idem).

As negociações entre os dois países se seguem conflitantes e sem solução nesta altura da narrativa, numa referência aos anos de antagonismo do comunismo cubano com

enfrentamentos com o modelo de governo capitalista do ocidente, sob a liderança dos Estados Unidos, protagonista do Jornal Folha de S. Paulo.

Se não bastasse os conflitos sobre a retirada da lista de terroristas latino-americanos, surge outra divergência entre os dois países. Na narrativa da negociação, o jornal destaca no título que “EUA e Cuba discordam sobre reabertura de embaixadas” (23/05/2015, p. A12), o narrador conta que a negociação é a mais importante desde o início do plano de aproximação. Porém, apesar das últimas reuniões para formalizar as embaixadas, diante das divergências ideológicas os países não conseguiram chegar em um acordo.

Há dificuldades entre os dois países para chegarem a um acordo, pois, segundo o jornal paulista, as maiores divergências para retomar embaixadas parte dos cubanos, que querem impor restrições à locomoção dos diplomatas americanos em Cuba. Na narrativa, cubanos pressionam os EUA para acabar com programas financiados pelo governo capitalista, vistos como - colocado entre aspas pelo jornal - “desestabilizadores” do regime comunista. Na mesa das intrigas estão os financiamentos dos Estados Unidos a programas de formação de jornalistas e as palestras sobre direitos humanos, que atacam os princípios da política socialista, vistos como desestabilizadores, porém descrito com tom de ironia pelo narrador.

Com a iminência da aproximação entre os dois países, o narrador lança mão de números que afirmam o apoio popular da aproximação da ilha ao capitalismo. Descreve o jornal que, de acordo com as principais pesquisas de opinião pública, a maioria dos americanos e cubanos aprovam esta decisão. Neste sentido, a diretora geral da Divisão de Estados Unidos do Ministério da Relações Exteriores de Cuba, elogia a decisão de Obama em retirar o país da lista de países que patrocinam o terrorismo. Com isso, o processo de abertura do país comunista para a relação com o capitalismo norte-americano vai se tornando uma realidade, na estória do diário paulista, Folha de S. Paulo.

PERSONAGENS COMEMORAM ABERTURA DE EMBAIXADAS NOS EUA

Após alguns desdobramentos na negociação, o diário paulista retorna ao assunto, destacando no título, “Com Festa, EUA e Cuba reabrem embaixadas” (21/07/2015, p. A9), um passo à frente para a aproximação. Cada vez mais perto do país capitalista, em meio a aplausos e protestos, “a bandeira Cubana voltou a tremular em sua embaixada nos EUA no dia 20” (Idem), após mais de meio século de rompimento entre as nações. Os cubanos constroem sua representação no país vizinho, com aproximação política,

sinalizando para abertura econômica e melhoria de vida da população comunista no fio da narrativa.

O cubano Eloy Hernández, morador dos Estados Unidos, aposentado de 88 anos, diz, como personagem do jornal, diz que “não podia viver sem ver isso” (Idem). Como enquadramento dramático, na busca de sentimento para o acontecimento, em diálogo com o leitor, o narrador descreve que o aposentado não consegue esconder a emoção de “viver um momento pelo qual ele esperou 54 anos” (Idem). Apesar do tempo convivendo com o comunismo, como descreve o personagem, “nada é para sempre e um dia as coisas tinham que mudar. Espero que mudem para melhor também em Cuba” (Idem). O narrador conta que estavam presentes na cerimônia, em Washington (EUA), cubanos favoráveis ao regime de Castro que aplaudiram, em meio aos gritos de “Viva Fidel”, o hasteamento da bandeira cubana. A mansão que funcionava como escritório de interesses cubanos no centro de Washington volta a partir dessa celebração, a ser embaixada de Cuba nos Estados Unidos.

A enfermeira cubana, Fany Trump, há mais de duas décadas do lado capitalista, relata para o jornal, que “minha esperança é que isso acelere as reformas em Cuba, para o bem do povo. Mas não creio numa mudança de regime” (Idem), se posicionando contra o governo comunista da família Castro. Outro personagem, na estória da Folha de S. Paulo, se encharcou de tinta vermelha, representando “o sangue derramado pela ditadura castrista” (idem). Também houve os que pediram, em cartazes, a libertação de presos políticos.

Na mesma cerimônia, o chanceler cubano, Bruno Rodrigues, discursou contra o embargo a Cuba e exortou o presidente Barack Obama a usar o poder executivo para removê-lo, numa referência ao poder presidencial com influência no Congresso do país, contra as trocas comerciais com o vizinho comunista.

Dando continuidade a legitimação das vozes favoráveis as mudanças do regime político cubano com a aproximação dos Estados Unidos, o secretário de Estado norte-americano, John Kerry, como personagem da narrativa diz que “este marco histórico não significa o fim das diferenças que separam nossos governos, mas reflete a realidade que o fim da guerra fria terminou há muito tempo, e que os interesses dos dois países são bem servidos com engajamento que com distância” (Idem).

Em Havana a celebração das embaixadas foi mais discreta, não houve hasteamento de bandeira, apenas uma cerimônia reservada para funcionários e familiares como conta

o narrador, descrevendo o humor do lado comunista em contraste com o capitalista. Cerca de 40 turistas dos EUA, passaram a maior parte do dia em frente à embaixada norte-americana na ilha.

O Folha de S. Paulo segue na sua configuração dos personagens na construção de sentido político-ideológico na trama. Neste sentido, um médico californiano, que não disse seu nome, diz que não gostou de Cuba, “falta infraestrutura e comercio” (Idem), resmungou, antes de lançar um alerta, “embaixadas só servem para espionar a população. Os cubanos não têm razão para festas” (Idem).

Neste episódio, o jornal Folha de S. Paulo, na ordenação da estória, revela a aproximação esperada pelos cubanos com os Estados Unidos. O país liderado por Fidel Castro se mantém atrasado no comunismo dos tempos soviéticos, ao mesmo tempo em que o mundo capitalista comemora amplo desenvolvimento. O capitalismo, vencedor da Guerra Fria, seria o único modelo a ser seguido, pois oferece qualidade de vida para a população global, deixa implícito para o leitor o narrador. Neste sentido, está a configuração dos personagens da estória, com vozes que reforçam o interesse dos cubanos, legitimando o discurso perseguido pela diegese do jornal paulista, assim, pela busca de uma vida melhor com a aproximação com os Estados Unidos, que sinalizam oportunidade de abertura democrática de suas fronteiras sociais e econômicas. A cada passo na narrativa, Cuba, sob pressão da própria população, nas vozes dos personagens do narrador, e aperto financeiro, com sua realidade apresentada em outras narrativas, aproxima-se finalmente do vizinho, deixando para trás o seu atraso e pobreza.

ESTADOS UNIDOS CONTESTA DIREITOS HUMANOS DE CUBA

Neste episódio os conflitos giram em torno da democracia social em conflito pela visão de mundo do capitalismo e comunismo. A abertura comercial e econômica diz respeito a liberdade e respeito pelos direitos humanos e, neste sentido, conta o narrador, “em meio a diálogo, EUA acusam Cuba de violar direitos humanos”, (26/06/2015, p. A16). O narrador relata a divulgação de relatório do governo dos EUA, legitimado pelo narrador que expõe a realidade, o comunismo dos irmãos Castro promove graves violações aos direitos humanos.

O regime político da ilha segue no papel de antagonista da narrativa, neste contexto, não respeitam os direitos humanos como descrito no relatório. Especificamente, "no documento anual em que avalia a situação mundial, o Departamento de Estado não

poupou críticas e acusou o governo do ditador Raúl Castro, de ameaçar e intimidar dissidentes políticos" (Idem). De acordo com o relatório, que enfatiza a realidade em estatísticas narradas como verossímeis, Cuba "registrou o maior número de detenções arbitrárias ao longo dos últimos cinco anos, cerca de 9.000. Todavia, 53 dissidentes foram soltos como parte das negociações com os EUA" (Idem), parte pouco expressiva. Segundo o narrador, o documento formulado no país capitalista revela que "a maior parte dos abusos de direitos humanos foi cometida por agentes orientados pelo governo. A impunidade para quem comete essas violações continua ocorrendo em ampla escala" (Idem), enfatiza o jornal ao lado dos personagens protagonistas.

Se não bastasse, "além disso, o governo manteve bloqueado o acesso de cidadãos a informações independentes e sem censura, restringindo a disponibilidade de serviços de internet e impedindo o acesso a blogs e sites de oposição (Idem). Porém, diante da iminente negociação com o país desenvolvido, a família Castro "considerará a expansão dos investimentos em telecomunicações, 'abrindo possibilidade de um acesso maior a internet do futuro'" (Idem) adequando-se aos direitos humanos sob os quais recebe críticas.

Diante do quadro de crises que atingem o governo da ilha, conta o narrador na composição de seus personagens, apresentando explicitamente seu pano de fundo do roteiro da narrativa, "desde o anuncio da retomada diplomática, em dezembro, os EUA defendem que a restauração das relações que ajudará a coibir violações de direitos humanos na ilha caribenha" (Idem).

Prossegue o narrador na sua missão da organização de sua metanarrativa. Mais adiante, na condução dos fatos no tempo, o narrador conta que o relatório demorou para ser divulgado, o prazo dado anteriormente era fevereiro, portanto, um atraso de quatro meses. A suspeita como conta o jornal paulista diz respeito à estratégia dos norte-americanos de evitar mal-estar com Havana, como destaca mais à frente, além disso, Cuba não seria o único assunto delicado a ser citado no documento.

O jornal conta que Irã, como parte do núcleo dos antagonistas globais ao lado de Cuba na liderança dos Castros, "é acusado de restrições graves das liberdades civis e quase nenhuma ação para punir violadores" (Idem). A lista segue citando países de tradições comunistas, entre eles, Venezuela, China e Rússia. Consta no relatório que "a corrupção no país latino-americano reduziu a efetividade das forças de segurança e

prejudicou a independência do judiciário" (Idem), agravando ainda mais sua condição para julgar de maneira democrática os opositores que lotam as prisões comunistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que os personagens da narrativa fazem parte da composição do próprio narrador, que concede a eles, em momentos determinados, funções específicas, para definir a visão de mundo perseguida pelo narrador. Assim, legítima e, ao mesmo tempo, deslegítima os agentes da estória nos acontecimentos em conflito. Os EUA se adequam ao núcleo dos protagonistas do Jornal Folha de S. Paulo, validando seu sistema ideológico-político capitalista com amplo espaço para falas do presidente Barack Obama, em negociação com o governo comunista de Cuba, além de agentes das narrativas no papel de adjuvantes que corroboram com a legitimidade de ideologia hegemônica.

Já o tratamento do narrador sobre os irmãos Castros não recebe a mesma atenção, considerando que em muitos momentos da estória, tratam com dubiedade os seus. Assim, possível afirmar que, quando Fidel e Raúl sinalizam apoio à abertura com o modelo capitalista, se mostram protagonistas da narrativa, ao contrário, no instante que agem no sentido de desestabilizar as negociações, antagonistas. Deste modo, pode-se avaliar que os personagens estão em conformidade com a visão de mundo do narrador, estabelecida previamente, na busca de convencer o seu leitor.

Usando os termos liberdade, democracia e avanço, o jornal qualifica os interesses dos EUA ao se aproximarem de Cuba, que na narrativa da Folha de S. Paulo, se encontra atrasada em meio ao regime socialista. Legitimando o capitalismo como a única maneira segura de possuir qualidade de vida, favorável a toda população da ilha comunista.

Em essência, os comunistas estão na condição de antagonistas dentro das narrativas do jornal, que se mantém firme em suas insinuações de desenvolvimento para o regime dos Castros, o que pode levar a pensar como efeito para todos os países da América Latina. O jornal dá voz aos membros da comunidade cubana de oposição ao regime, como pode-se entender, no sentido de reforçar o convencimento do próprio leitor, por meio de enquadramentos dramáticos, na tentativa de levar à integração dos regimes comunistas e socialistas para o mundo do desenvolvimento neoliberal.

Apresentados aqui os fatos, no desfecho das narrativas, os Estados Unidos conquistam seus objetivos de aproximação com a ilha comunista, sendo os heróis que detém as concepções democráticas, as quais levam riquezas e bem-estar social, sublimes

nos tempos de progressos capitalistas. Já Cuba, que segundo o jornal, convive com o atraso comunista, anti-herói, de séculos pretéritos, não obtém recursos para atender as demandas da população que reclama. Como todo final feliz, os Estados Unidos, não exatamente o seu governo, como Barak Obama, têm o mapa de caminhos para a luz do *american way life*, em suma, o rumo ao capitalismo da democracia e tecnologia para o desenvolvimento social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURÃES, B. J. R.; MATA, Iacy M. Cuba, os afro-cubanos e a revolução: passado e presente. **História Social**, Campinas, SP, n. 17, p. 133-157, 2009. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/280/253>>. Acesso em: 04 maio 2018;

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. 1. Ed. Brasília, DF: Editora UnB, 2013;

RAÚL Castro pede fim do embargo para normalizar relações com EUA. Folha de S. Paulo, São Paulo, 29 jan. 2015. Mundo, p. A14;

RÜDIGER, Francisco. **As Teorias da Comunicação**. 1 Ed. Porto Alegre, RS: Editora Penso, 1995;

SIVERSTONE, Roger. **Por Que Estudar a Mídia?** 1 Ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2002;

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: Uma Teoria Social da Mídia**. 1 Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

TEXTOS PESQUISADOS

FIDEL Castro defende diálogo com os EUA. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 jan. 2015. Mundo, p. A11;

RAÚL Castro pede fim do embargo para normalizar relações com EUA. Folha de S. Paulo, São Paulo, 29 jan. 2015. Mundo, p. A14;

EM reunião histórica, Obama e Raúl marcam mudança entre EUA e Cuba. Folha de S. Paulo, São Paulo, 12 abr. 2015. Mundo, p. A16;

EUA decidem tirar Cuba de 'lista do terror'. Folha de S. Paulo, São Paulo, 15 abr. 2015. Mundo, p. A9;

EUA e Cuba discordam sobre reabertura de embaixadas. Folha de S. Paulo, São Paulo, 23 maio. 2015. Mundo, p. A12;

EM meio a diálogo, EUA acusam Cuba de violar direitos humanos. Folha de S. Paulo, São Paulo, 26 jun. 2015. Mundo, p. A16;

COM festa, EUA e Cuba reabrem embaixadas. Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 jul. 2015. Mundo, p. A9.